

9º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM
A CIDADE E SUAS TRANSFORMAÇÕES PROJETADAS EM MAQUETES

Tatiana Mayumi Tamura¹
Igor José Botelho Valques²
Fernando Luiz de Paula Santil.³
João Batista da Silva⁴
Antonio de Oliveira⁵

O museu não é apenas uma estrutura arquitetônica significativa que apresenta ferramentas antigas, expressões artísticas e fotografias, como também pode oferecer novas formas de percepção aos seus frequentadores. Essas imagens não só recorda as lembranças de cada indivíduo como o faz entender o processo de organização do espaço em vários períodos. Compreender a influência dessa organização na história do presente, permite “ver” as transformações urbanísticas, a destruição das referências dos seus traçados e das arquiteturas de suas moradias, em seus monumentos por aqueles que frequentam a casa museal. O Museu da Bacia do Paraná dedica-se a vários projetos, que visam efetuar o resgate histórico da cidade de Maringá. Um desses projetos é o “veja com as mãos” que, por meio de maquete tátil e fotopapers, possibilita ao público geral e, em particular, aos deficientes visuais perceberem as mudanças históricas, bem como conhecerem a estrutura arquitetônica dos monumentos. Com a parceria do Centro de Apoio Pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual – CAP – foi possível oferecer uma oficina complementar aos professores que trabalham com esse público. Além de conhecerem, produzirem e usarem as maquetes com os deficientes visuais, foi realizado um debate não considerando apenas os aspectos da função das construções, mas ponderando as dificuldades de acesso à informação e os obstáculos enfrentados pelos deficientes visuais quando se deslocam pelas vias da cidade, e que são “esquecidos” pelos planejadores.

Palavras-chave: Museu. Patrimônio cultural. Maquete.

Área temática: Educação

Coordenador do projeto: Fernando Luiz de Paula Santil, flpsantil@uem.br, Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá.

Introdução

Conforme BRANCO (2008), o museu é um órgão sem fins lucrativos, que detém coleções etnográficas a alfaias agrícolas, fotografias que são insubstituíveis e fazem parte na formação da identidade local. Pode-se mencionar ainda que o museu não é apenas uma estrutura arquitetônica significativa que apresenta ferramentas antigas em seu interior, expressões artísticas e fotografias que trazem nostalgia aos idosos

¹ Graduanda, Bolsista DEX/UEM, Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá.

² M.Sc., Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Maringá.

³ Doutor, Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá.

⁴ Especialista, Museu da Bacia do Paraná, Universidade Estadual de Maringá.

⁵ Graduando, Bolsista Ação Afirmativa (CNPq), Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá.

e a simpatia dos mais jovens, mas é um local de pesquisa e pode oferecer “novas formas” de percepção aos seus freqüentadores. Por exemplo, as fotografias descrevem a importância de transformar a paisagem observada em imagem revelada. Como salienta TALBOT (1844, n.p.) apud MEDEIRO (2006, p.6-7):

“[...] a reflectir na beleza inimitável das imagens pintadas pela natureza que a lente da Camera Obscura atira para cima do papel — maravilhosas imagens, criações momentâneas e destinadas rapidamente a desaparecer. Foi no meio destes pensamentos que me ocorreu a idéia (...) quão maravilhoso seria se fosse possível fazer com que estas imagens naturais se imprimissem a si mesmas de forma permanente, e fossem fixadas no papel! E porque não seria possível? Perguntei a mim próprio.”

O museu é uma das instituições que preserva e valoriza a memória, uma vez que ela possibilita a multiplicação dos meios de registros e gravação dos fatos, acontecimento e pessoas. A esse respeito, Chaui (2000, p.161) comenta que “a publicidade e a propaganda nos fazem preferir o “novo”, o “moderno”, a “última moda”, (...) também aparece na proliferação de objetos descartáveis, na maneira como a indústria da construção civil destrói cidades inteiras para torná-las “modernas”, destruindo a memória e a História dessas cidades.”

As mudanças administrativas e a modernização dos meios de comunicação causam mudanças que afetam a sociedade e seus cidadãos, entre eles o deficiente visual que acaba por sofrer a privação dos estímulos e informações do ambiente que o cerca, necessitando de uma forma de relação e comunicação que instigue o seu pensamento.

O museu da Bacia do Paraná dispõe de fotopapers, que contam a história da cidade em fotografias, e de modelos tridimensionais – maquete -, que resgatam os projetos arquitetônicos dos marcos culturais de Maringá. Isto é viabilizado por meio do projeto de extensão intitulado: “Museu, um projeto de inclusão: veja com as mãos”, que teve início em 2008 (SANTIL, 2008). Além disso, conta com o apoio do Centro de Apoio Pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual – CAP -, que tem como finalidade produzir material adaptado para o aluno com cegueira e baixa visão, e dar treinamento específico aos professores que atuam com alunos deficientes visuais nos Núcleos Regionais de Educação atendidos pelo CAP.

Assim, o objetivo geral desse curso é ampliar os fóruns de debates a respeito das dificuldades de uso de qualquer espaço físico pelo deficiente visual, como fomento de inclusão da sociedade na geração de política pública para os diferentes setores da sociedade.

Materiais e Métodos

Por meio de um levantamento planialtimétrico ou de um projeto arquitetônico é possível representar graficamente qual a movimentação do relevo ou a forma de uma edificação, respectivamente. E se considerar a maquete em escala também é possível representar de uma forma mais realística uma determinada área. A partir dessas informações, foi realizada uma exposição teórica sobre os conceitos básicos à construção de maquete: (a) o que é maquete?; (b) qual é a sua finalidade?; (c) o que é escala?; (d) geometria descritiva, leitura e interpretação de planta arquitetônica e (e) a finalidade dos modelos em escala.

Durante o desenvolvimento da maquete foram utilizados os seguintes materiais: lápis e borracha; estilete para corte; papel Paraná com 1mm espessura; régua de aço com 30cm; base para corte; lixa fina; tubo de cola para papel (brascola); tinta “spray” e espuma (de travesseiro) para adereços e serragem colorida.

Efetou-se uma atividade prévia de treinamento de corte, para familiarização com o material e a indicação do posicionamento correto na realização do corte a fim de evitar acidentes. O trabalho baseou-se em um exercício em escala de uma edificação unifamiliar, seguindo o modelo de plantas com escala de 1:75, o qual foi exigido à convenção da escala em duas vezes os valores representados em metros. Após este procedimento, executou-se desenho em papel Paraná, seguido de recortar e ajustar as peças. Por fim, a montagem e acabamento das maquetes, que foi construído sobre bases que caracterizam o relevo do terreno, ocorreram o uso de materiais pré-preparados como serragem, para representação visual de grama, e a espuma, para confecção de vegetação do tipo arbórea. No caso das maquetes táteis é sugestionado o uso de preenchimento ao fazer o acabamento.

Resultados e Discussões

A oficina permitiu que cada participante construísse sua própria “casa”. Os participantes perceberam as etapas de construção das maquetes e o uso de algumas ferramentas para a produção de materiais, que possam auxiliar os invisuais a obterem informações sobre o ambiente próximo ou distante deles.

A divulgação do evento ficou a cargo do CAP e, nesta primeira fase, foram selecionadas vinte e duas professoras. Essa experiência contribuirá para o aprimoramento do curso, bem como a sua realização em outros municípios atendidos pelo Núcleo Regional de Educação de Maringá.

Conclusão

Pode-se mencionar que todos os objetivos foram amplamente alcançados, ou seja: o intercâmbio entre os atores e o público alvo; discutir o papel do deficiente visual junto à sociedade diante dos desafios impostos pelas barreiras culturais; debater o uso e as formas dos recursos tecnológicos aplicados à mobilidade do deficiente visual; permitir que os atores envolvidos pudessem “debater” por meio da apresentação das maquetes (marcos culturais e modelos arquitetônicos) as dificuldades de acesso à informação e os obstáculos enfrentados por todos, diante de um Estado ausente em políticas públicas para o setor.

Referências

- BRANCO, J. F. **Significados esgotados: sobre museus e colecções etnográficas**. Lisboa: ISCTE, 2008.
- CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- MEDEIROS, M. **Imagem, Self e nostalgia – o impacto da fotografia no contexto intimista do século XIX**. Lisboa: Ed. Universidade Nova de Lisboa, 2006.
- SANTIL, F. L. P. **Projeto Museu, um projeto de incluso: veja com as mãos**. Maringá: DEX/UEM, 2008. (Projeto de extensão universitária –processo nº: 9978/08).